



História, Ciências, Saúde - Manguinhos
ISSN: 0104-5970
hscience@coc.fiocruz.br
Fundação Oswaldo Cruz
Brasil

Ribeiro Jacobina, Ronaldo; Gelman, Ester Aida
Juliano Moreira e a Gazeta Medica da Bahia
História, Ciências, Saúde - Manguinhos, vol. 15, núm. 4, octubre-diciembre, 2008, pp. 1077-1097
Fundação Oswaldo Cruz
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=386138084011>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Juliano Moreira e a Gazeta Medica da Bahia*

Juliano Moreira and the Gazeta Medica da Bahia

Ronaldo Ribeiro Jacobina

Professor da Faculdade de Medicina/Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Medicina da Bahia
Mestrado Saúde Ambiente e Trabalho
Largo do Terreiro de Jesus
40025-010 Salvador – BA – Brasil
jacobina@ufba.br

Ester Aida Gelman

Mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências
Universidade Federal da Bahia
Av. Alm. Marques de Leão, 318/311
40140-230 Salvador – BA – Brasil
gelmanester@yahoo.com.br

Recebido para publicação em dezembro de 2005.
Aprovado para publicação em maio de 2006.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro; GELMAN, Ester Aida. Juliano Moreira e a *Gazeta Medica da Bahia*. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out.-dez. 2008, p.1077-1097.

Resumo

Estudos recentes sobre Juliano Moreira enfatizam sua obra no Rio de Janeiro (1903-1933), mas o objetivo central deste artigo é descrever sua contribuição na *Gazeta Medica da Bahia*, em período anterior (1893-1903). Descreve a trajetória dessa revista que serviu de veículo para as pesquisas originais da Escola Tropicalista Bahiana. Apresenta a produção de Moreira na *Gazeta*, em que ele surge como estudioso nas áreas de dermatologia, sifilografia e parasitologia, tendo identificado, pela primeira vez no Brasil, a leishmaniose cutâneo-mucosa. Nessa época ele também se afirma como professor em neuropsiquiatria, passando a realizar estudos clínicos na área, analisar modelos assistenciais e propor mudanças na assistência médica. Destaca a importância de Moreira não só como colaborador da *Gazeta* durante uma década, mas também como redator, bem como sua atuação como redator principal (1901-1902).

Palavras-chave: história da psiquiatria; imprensa médica; *Gazeta Medica da Bahia*; leishmaniose; Brasil.

Abstract

Recent studies of Juliano Moreira have emphasized his work in Rio de Janeiro (1903-1933), but the main objective of this article is to describe his contribution to the Gazeta Medica da Bahia in the period before that (1893-1903). It describes the evolution of this magazine, which served as a vehicle for original research of the Bahian Tropicalist School. It presents Moreira's output in the Gazeta, in which he emerges as a student of dermatology, syphilology and parasitology, having identified cutaneous leishmaniasis for the first time in Brazil. At that time, he also consolidates his reputation as a professor in neuropsychiatry, conducting clinical studies in the field, analyzing treatment models and proposing changes in medical treatment. It highlights the importance of Moreira not only as a collaborator on the Gazeta during a decade, but also as an editor, as well as his role as chief editor (1901-1902).

Keywords: history of psychiatry, medical press, leishmaniasis; Brazil.

A contribuição do psiquiatra Juliano Moreira, nascido em Salvador, em 1873, e falecido na capital federal (Rio de Janeiro) em 1933, vem sendo recentemente resgatada em estudos, como os de Venâncio (jul.-dez. 2004), Oda (dez. 2001), Oda e Dalgallarondo (dez. 2000), Vasconcelos (1998), Rocha, Pinto e Vieira (1998), Carvalhal (1997), Dalgallarondo (1996) e a edição em livro da dissertação de 1980 de Vera Portocarrero (2002). Em geral esses estudos dão ênfase à obra e prática desse psiquiatra baiano afrodescendente no seu período no Rio de Janeiro, desde 1903, quando assumiu a direção do Hospital Nacional de Alienados, até o início da década de 1930.

Este artigo é parte de um estudo mais abrangente, com o qual se pretende sistematizar os conhecimentos acerca de sua vida, obra e práticas (médica e acadêmica), desde a elaboração da tese inaugural para a Faculdade de Medicina da Bahia, em 1891, até sua transferência para a capital federal, em 1903. O objetivo central é descrever a contribuição do médico e professor Juliano Moreira para a *Gazeta Medica da Bahia*, revista considerada um dos patrimônios culturais da história da medicina brasileira, pois serviu de veículo para as pesquisas originais de uma ‘associação de facultativos’ que ficou consagrada com a denominação de Escola Tropicalista Bahiana (Coni, 1952).

A ênfase dada neste trabalho à produção de Juliano Moreira nesse período baiano se deve não só ao desconhecimento acerca de sua produção nessa época (1891-1903), mas também ao fato de ter sido nela que o estudioso nas áreas de dermatologia (inclusive a sifilografia) e parasitologia fez descobertas originais e firmou-se como especialista e professor em doenças mentais e nervosas, passando a realizar de modo sistemático os estudos clínicos e terapêuticos, analisar modelos assistenciais e propor mudanças na assistência médica e psiquiátrica, além de formular propostas para a legislação referente aos alienados no país.

Seu papel na *Gazeta Medica*, embora citado, é pouco destacado por seus biógrafos (Peixoto, 1933; Passos, 1975) e menos ainda pelos estudiosos atuais de sua obra que, como já destacamos, costumam referir-se basicamente à produção intelectual de Juliano Moreira depois de sua transferência para o Rio de Janeiro.

Este artigo estrutura-se em duas partes: na primeira, descrevemos de modo sucinto a trajetória da *Gazeta Medica da Bahia*, revista médica de vida longa, cuja história sempre que possível deve ser relembrada para as novas gerações, em particular nela própria, nesse seu atual renascimento; na segunda parte, descrevemos o papel de Juliano Moreira na revista, não só como colaborador, mas também como redator e até mesmo como redator principal, o que julgamos ser uma descoberta histórica original.

Uma associação de facultativos e a *Gazeta Medica da Bahia*

Em 1865, um grupo de médicos resolveu formar uma associação em Salvador, Bahia, para “praticar assuntos científicos”. Eles assumiram o compromisso de reunir-se duas vezes por mês à noite. Um dos fundadores dessa “associação de facultativos”, o doutor José Francisco da Silva Lima, escreveu sobre esse período inicial duas décadas depois, lembrando que as palestras aconteciam ora na casa de John Ligertwood Paterson, autor da idéia de criação dessa sociedade médica, ora na casa dos outros sócios, que eram inicialmente sete, embora apenas seis tenham chegado a participar das sessões. John Paterson e Silva Lima,

já referidos, formavam juntamente com Otto Edward Henry Wucherer a tríade mais famosa da medicina tropical na Bahia. Eram os três estrangeiros: Paterson, escocês, e os outros dois portugueses. Wucherer, natural do Porto, tinha ascendência paterna alemã, influência determinante na sua formação como médico. Os outros quatros eram os professores Antônio José Alves (cirurgia) e Antônio Januário de Faria (clínica médica), além dos médicos Manuel Maria Pires Caldas (cirurgião) e Ludgero Rodrigues Ferreira (clínico), que nunca participou das sessões por ter adoecido e logo depois falecido.

Os assuntos eram diversos e, muitas vezes, fortuitos, segundo o testemunho de Silva Lima, em “Escritos médicos do dr. J.L. Paterson”, de 1886. Nesse registro, diz Silva Lima: “não havia estatutos, nem programmas, nem formulas de discussão, nem relatorios, nem actas; ninguem alli tinha por obrigação fazer ou dizer coisa alguma em tempo, modo e materia determinados; mas quando, como e o que queria ou podia” (citado em Fonseca, 1898, p.251; Pacífico Pereira, 1916, p.4).

O coordenador do grupo, John Paterson, era muito respeitado por ter sido aquele que, enfrentando contestações dos próprios médicos, estabeleceu, juntamente com Wucherer, o diagnóstico e o caráter contagioso das epidemias de febre amarela, em 1849, e de cólera-morbo, em 1855.

Foi no seio dessa sociedade – a qual aderiram outros médicos, inclusive estrangeiros como Thomas W. Hall – que nasceu o ‘pensamento progressista’ de criar-se na Bahia um periódico médico, sendo o autor da proposta o professor Januário de Faria (Pacífico Pereira, 1916, p.253). Os sócios ativos se cotizaram para fazer face às despesas e no dia 10 de julho de 1866 publicaram o primeiro número da *Gazeta Medica da Bahia*. Quando este saiu já tinha falecido o médico Ludgero Ferreira e, antes dele, o professor Antônio José Alves (1818-1866).

A criação da revista foi uma consequência lógica das reuniões científicas, pois embora fortuitas foram gerando a necessidade do registro das experiências e trocas de idéias. Nas primeiras páginas do número de lançamento da *Gazeta Medica da Bahia*, seus objetivos são explicitados na Introdução – que não é assinada, sendo a autoria atribuída por alguns ao ‘diretor’ Virgílio Damásio, mas que, pelo estilo, claramente nos parece ser de Silva Lima, seu verdadeiro diretor e principal redator (Figura 1)¹:

Concentrar, quando for possível, os elementos activos da classe medica, afim de que, mais unidos e fortificando-se mutuamente, concorram para augmentar-lhe os créditos, e a consideração publica; diffundir todos os conhecimentos que a observação própria ou alheia nos possa revelar; acompanhar o progresso da sciencia nos paizes mais cultos; estudar questões que mais particularmente interessam ao nosso paiz; e pugnar pela união, dignidade e independência da nossa profissão (Introdução, 1866, p.3).

Uma questão que nenhum documento registra com clareza foi o critério de escolha do diretor da revista. O nome escolhido não foi nenhum dos cinco sócios fundadores, e sim o do professor Virgílio Clímaco Damásio, da cadeira de medicina legal. O professor Luiz Anselmo da Fonseca (1898, p.253) comentou deste modo tal indicação: “Foi encarregado da direcção do periodico o Sr. Dr. Virgilio Damazio, hoje senador federal e que, por longos annos, illustrou o magisterio publico n'esta Faculdade” .

Teixeira (2002), de acordo com o que insinua Fonseca, formula uma hipótese para essa escolha por um nome que não estava entre os fundadores, além de ter dado pouca

colaboração à *Gazeta*: “Talvez o seu prestígio de professor de Medicina e político atuante dos mais proeminentes da época” (p.17).

Verificamos que o professor Virgílio Damásio, em 1866, era opositor por concurso de ciências acessórias, tendo chegado a lente (catedrático) apenas em 1876, e seu prestígio como docente ocorreu nos anos 80, sobretudo depois de sua viagem de estudos ao exterior. Moreira (1913), numa conferência sobre as ciências no Brasil, não vincula Damásio à *Gazeta*, revista que também é objeto de comentários e destaque nessa conferência. Refere que ele foi um dos professores escolhidos pela Faculdade, conforme legislação da época, para viajar à Europa com objetivo de atualização em diversos campos da medicina. Depois de sua viagem, no período de 1883 a 1885, o professor Virgílio Damásio retornou com ‘boas idéias’, destacando-se as sugestões contidas no seu relatório sobre o ensino de medicina legal (p.46). Num outro artigo, sobre a edição jubilar da *Gazeta*, Moreira (1918) diz claramente que a direção de Damásio era nominal, “porque o verdadeiro director da Revista era Silva Lima” (p.1). Em relação à trajetória política, seu prestígio foi posterior àquele momento de criação da *Gazeta*, mas, tendo sido o presidente do Partido Republicano, assumir uma proposta inovadora nos parece orgânico com seu perfil e sua prática, além de ser ele uma pessoa de confiança dos fundadores.

Um registro importante é a incorporação, ao grupo, do estudante Antônio Pacífico Pereira, que em 1867, tendo acabado de deixar ‘os bancos escolares’, foi o escolhido para suceder Virgílio Damásio na direção da *Gazeta* (Fonseca, 1898, p.253). Pacífico Pereira ficou no cargo de julho de 1867 até meados de 1870, quando a revista foi suspensa,



Figura 1: Juliano Moreira (quinto da esquerda para a direita) e Silva Lima (quarto da esquerda para a direita), Bahia, entre 1896 e 1902. (Arquivo pessoal de Fátima Vasconcelos)

aparentando seguir o destino de tantas outras ‘tentativas malogradas’, como está registrado na própria *Gazeta* (Introdução, 1866, p.1) em sua primeira página, referindo inclusive que “por duas ou trez vezes, n’esta província, se ensaiou a publicação de um periódico, exclusivamente consagrado ás sciencias médicas”. Naquele momento, Silva Lima, principal responsável pela revista, não pôde contar com a tenacidade do jovem colaborador, que teve de preparar-se para seu concurso de opositor na Seção de Cirurgia, em 1871, e logo depois obteve o direito de viagem de estudos à Europa. A *Gazeta* voltou a circular em agosto de 1871, sob direção do professor Demétrio Tourinho, e foi novamente interrompida em julho de 1874, quando o professor assumiu a direção do Asilo São João de Deus (Jacobina, 2001). Parecia que o desaparecimento era o destino inexorável da *Gazeta*:

Em um meio como o nosso, dotado de fortes qualidades negativas para emprezas do gênero da *Gazeta Medica da Bahia*, esta teria muito provavelmente continuado a oscilar entre o aparecimento e o desapparecimento, parando, enfim ao menos por longos annos, no ultimo extremo, tendo, assim, a sorte de tentativas análogas que a precederam ou que a succederam (Fonseca, 1898, p.254).

No início de 1876, Pacífico Pereira assumiu novamente a direção, mantendo a revista sem interrupções até 1920, quando adoeceu, vindo a falecer em 1922 (Teixeira, 2002). Foram cinqüenta anos de dedicação, com muitos sacrifícios pessoais e até mesmo financeiros. Depois daquele momento inicial, quando os sócios se cotizaram para editar os primeiros números, a responsabilidade da “associação de facultativos”, proclamada até 1883 na própria capa da *Gazeta*, foi puramente nominal (Fonseca, 1898, p.254). Os déficits anuais eram bancados pelo seu diretor mais perene. Diretor e assíduo colaborador por meio século, Pacífico Pereira foi um dos dois pilares que sustentaram esse monumento raro das publicações científicas brasileiras.

O outro pilar da permanência de uma revista de qualidade, publicada de modo quase ininterrupto na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, foi Silva Lima, *primus inter pares*, conforme testemunho de Pacífico Pereira (1916, p.27, 29). Ele foi o mais versátil colaborador e o principal redator da *Gazeta Medica da Bahia*, de 1866 até 1910 (Quadro 1). Essa constatação veio tanto da observação feita no livro com o índice cumulativo (Sant’Anna, Teixeira, 1984), quanto da leitura sistemática dos seus diversos volumes, recentemente digitalizados por Luciana Bastianelli e disponíveis em dois CDs e em um livro com artigos selecionados (Bastianelli, 2002). Quase todos os 38 primeiros volumes (de 1866 até 1906) contêm um artigo do médico tropicalista brasileiro – brasileiro não de origem, como já referido, mas por escolha desde 1862 (Varela, Veloso, s.d.).

Na ocasião da publicação do número jubilar da *Gazeta*, Juliano Moreira (1918) diz que sendo nominal a direção de Damásio, jovem Pacífico Pereira o auxiliava no trabalho de redação, daí ter assumido tão jovem o papel de diretor. Moreira enfatiza que a *Gazeta* foi-se impondo desde o seu início, chamando a atenção das publicações médicas do Velho Mundo, de tal modo que, no seu primeiro ano de vida, recebeu o apoio do *British Medical Journal*, importante semanário médico da associação médica da Grã-Bretanha.

Em 1922, o professor Aristides Novis, redator principal de 1915 a 1919, assumiu a direção do periódico, conseguindo manter a publicação regular até 1934, quando a revista praticamente desapareceu. Os descendentes do professor Novis transferiram os direitos do

Quadro 1: Diretores, redatores, colaboradores e gerentes da *Gazeta Medica da Bahia* (1866-2005)

Período	Diretor/ editor	Redator principal	Redatores/colaboradores	Gerente/redator
Jul.1866-jun.1867	Virgilio Clímaco Damásio	J.F. Silva Lima		
Ago.1867-jul.1870	A. Pacifico Pereira	J.F. Silva Lima		
Ago.1870-jul.1871	(GMB não foi publicada)			
Ago.1871-jul.1874	Demétrio Ciríaco Tourinho	J.F. Silva Lima		
Ago.1874-dez.1875	(GMB não foi publicada)			
Jan.1876-jun.1889	A. Pacifico Pereira	J.F. Silva Lima	J.L. d'Almeida Couto; L. Alvares dos Santos	P.P. Costa Chastinet
Jun.1890-jul.1890	A. Pacifico Pereira	J.F. Silva Lima	J.L. d'Almeida Couto; Remédios Monteiro; M. Victorino Pereira Ramiro A. Monteiro; A. Pacheco Mendes; M.M. Pires Caldas	Ezequiel Britto
Jul.1890-jun.1893	A. Pacifico Pereira	J.F. Silva Lima	Idem.	R. Nina Rodrigues (redator gerente)
Jul.1893-jun.1896	A. Pacifico Pereira	J.F. Silva Lima	Idem + Pedro S. Magalhães	Braz do Amaral
Jul.1896-jun.1901	A. Pacifico Pereira	J.F. Silva Lima	Idem + Rodrigues Doreá; Braz do Amaral Moncorvo Figueiredo; Guilherme Rebello; Braulio Pereira; Alfredo Brito; Juliano Moreira ; Aurelio Vianna; Silva Araújo; Britto Pereira	
Jul.1901-jun.1906	A. Pacifico Pereira	Juliano Moreira	J.F. Silva Lima; Gonçalo Moniz; Afranio Peixoto; Alfredo de Andrade; J. Americo Fróes; J. Adeodato de Souza	-
Jul.1906-jun.1914	A. Pacifico Pereira	Gonçalo Moniz	J.F. Silva Lima (1910); Afranio Peixoto; Juliano Moreira ; Alfredo de Andrade; J. Americo Fróes; J. Adeodato de Souza	
Jul.1914-jun.1915	A. Pacifico Pereira	-	Afranio Peixoto; Juliano Moreira ; Anisio de Carvalho; L. Anselmo da Fonseca; Augusto Vianna; Caio Moura; Clementino Fraga; Climerio de Oliveira; Deocleciano Ramos; Egas Moniz; Eutychio Leal; Garcez Fróes; Josino Cotias; Oscar Freire; Prado Valladares; Praguer Fróes, entre outros	
Jul.1915-jun.1919	A. Pacifico Pereira	Clementino Fraga	Garcez Fróes; Oscar Freire; Gonçalo Moniz; Caio Moura; Eduardo Moraes; Matargão Gesteira	Aristides Novis (redator secretário)
Jul.1919-jun.1921	A. Pacifico Pereira	Clementino Fraga	Idem + Fernando Luz Adeodato de Souza; Aristides Maltez; Armando Tavares; Eduardo Moraes; Oscar Freire; Pinto de Carvalho; Piraja da Silva; dra. Praguer Fróes, entre outros	Macedo Guimarães (redator gerente)
Jul.1921-jun.1932	Aristides Novis	Clementino Fraga	Garcez Fróes; Pinto de Carvalho; Prado Valadares; Martagão Gesteira; Gonçalo Moniz; Cesario de Andrade; Fernando Luz	Armando S. Tavares (redator secretário)
Jul.1932-dez.1934	Aristides Novis	Clementino Fraga	Idem	Júlio de Calasans
Jan.1935-dez.1965	(GMB não foi publicada)			
Jan.1966-dez.1972	Aluísio Prata	Aluísio Prata	Heonir Rocha; Túlio Miraglia; L.F. Macedo Costa; Zilton Andrade.	-
Out.1976	-	-	Parecer do Estácio de Lima. Memória Histórica de Nina Rodrigues, 1896	-
Jan.2004-dez.2005	José Tavares-Neto (Diretor FAMEB-UFBA)	José Tavares-Neto	Aluísio Prata; Heonir Rocha; Zilton Andrade; Álvaro Cruz; Edgard M. Carvalho Filho; Eliane Azevedo; Rodolfo Teixeira; Irsímar de Oliveira; Raymundo Paraná	-

periódico à Faculdade de Medicina. Qual fênix, a *Gazeta* reapareceu em 1966, com a iniciativa do professor Aluisio Prata que, com a colaboração dos colegas Zilton Andrade e Heonir Rocha, entre outros, manteve a publicação anual da revista até 1972, com um número avulso em 1976 (Sant'Anna, Teixeira, 1984). Recentemente, em junho de 2004, o professor José Tavares-Neto (2004, p.1), diretor da Faculdade de Medicina da Bahia (Fameb-UFBA), tomou a iniciativa pela retomada da revista com periodicidade semestral.

O período de maior prestígio e significado histórico da *Gazeta* estendeu-se de sua criação, em 1866, até o início do século XX. Destacaram-se os trabalhos originais de Wucherer sobre a ancilostomíase (1866), a filariose (1868, 1869) e a classificação das cobras venenosas (1867). Outro destaque de pesquisas clínicas originais foram os estudos de Silva Lima sobre o beribéri (1866) e o ainhum (1867). A contribuição de Paterson, de 1866 até 1879, constituiu-se nas precisas descrições dos casos clínicos. De Pacífico Pereira, além das observações clínicas e terapêuticas e dos estudos sobre o beribéri, e dando seguimento aos trabalhos do seu mestre Silva Lima, foram valorosas também as reflexões sobre o ensino médico, tendo-se tornado uma referência nacional sobre o tema. São sempre lembrados também os escritos sobre saúde pública e medicina legal de Nina Rodrigues. Teixeira (2002), sem pretender fazer um quadro completo, mas apenas registrar os nomes que marcam as diversas fases da *Gazeta*, cita, além dos referidos, os seguintes colaboradores: Manoel Vitorino, Almeida Couto, Silva Araújo, Gonçalo Moniz, Pirajá da Silva, Clementino Fraga, Oscar Freire, Martagão Gesteira, Aristides Novis, Prado Valadares e Armando Sampaio Tavares.

Outros nomes podem estar sendo esquecidos, mas indubitavelmente há nos estudos sobre o tema uma grave omissão, sobretudo no que diz respeito ao seu papel numa das fases da revista, aquela situada na passagem do século XIX para o XX: Juliano Moreira. Demonstrar sua contribuição intelectual nas páginas da *Gazeta Medica da Bahia*, bem como o seu papel na redação da revista por quase uma década, será o principal objetivo da próxima seção deste artigo.

Juliano Moreira na *Gazeta*: colaborador e redator

Todo acadêmico devia fazer uma tese inaugural para receber o título de doutor em medicina e cirurgia. A de Juliano Moreira, em 1891, teve como tema a "Etiologia da sífilis maligna precoce". No prólogo, o formando já apresentava uma característica de muitos dos seus escritos, a de exercer a crítica com fina ironia: "Chegado a 6^a serie medica – para obter o grau de doutor em medicina fazia-se preciso escrever uma these. Tratei de analysar as minhas condições e achei-as precárias ... somente sobrava-se a obrigação, em virtude da qual, lá fui ver, como cidadão obediente que esmero-me em ser, as listas dos pontos de these" (Moreira, 1891, f.V). Ele esperava que a reforma do ensino, realizada pelo regime republicano, retirasse a obrigação da tese. Isso não aconteceu, mas Moreira considerou que, pelo menos, uma pequena mudança na exigência acadêmica tinha garantido mais liberdade ao formando quanto à escolha do tema.

Nesse estudo verdadeiramente inaugural, com o qual obteve a nota máxima, Juliano apresenta seu vínculo com a clínica dermatológica e sifiligráfica. Embora seu objeto seja a sífilis maligna, ele apresenta poucas referências sobre a paralisia geral progressiva, freqüente na sífilis terciária. Preocupou-se mais em refutar a tese da influência climática e, ao negar

esse determinante, questionar também a influência racial na gênese e na malignidade da sífilis. Segundo Afrânio Peixoto (1933, p.82), discípulo e amigo, esse trabalho tornou-se citação quase obrigatória nos estudos do assunto e mereceu destaque de especialistas estrangeiros, como Buret, estudioso da sífilis, no *Journal des Maladies Cutanées et Syphilitiques*, e do professor Raymond, nos *Annales de Dermatologie et Syphiligraphie*.

Após sua formatura, Juliano Moreira aceitou a designação da comissão médica pela Inspetoria de Higiene, para prestar assistência aos indigentes acometidos de febres e disenteria na cidade do Bonfim e em áreas circunvizinhas, como a vila de Campo Formoso. Designado em 6 de abril de 1892, no dia seguinte ele saiu de Salvador, chegando à cidade recém-emancipada um dia depois. O relatório dessa experiência em saúde pública foi uma das primeiras publicações e a primeira assinada com o nome por extenso 'Juliano Moreira' na *Gazeta Medica da Bahia*. Ele a intitulou "Endemo-epidemia da Jacobina (1891-1892)" (Moreira, 1894) e justificou referir-se assim porque a área onde grassava a epidemia de malária tinha pertencido à comarca de Jacobina, sendo usual a população referir-se à região atingida, já pertencente ao município de Bonfim, com o antigo nome.

Desde o início de sua vida profissional, o jovem médico não descuidou de sua vocação acadêmica. Em 1893 ocupou o cargo de assistente na cadeira de psiquiatria e moléstias nervosas, cujo catedrático era o professor Tillemont Fontes (Moreira, 1894, p.208). Logo depois foi aprovado por concurso e nomeado, em 15 de setembro de 1894, para o cargo com remuneração de preparador da cadeira de anatomia cirúrgica da Faculdade de Medicina da Bahia (Noticiário, 1894, p.142).

O preparo para o concurso do cargo de auxiliar de ensino na cadeira de Anatomia o estimulou a escrever, ainda em 1893, seu primeiro artigo publicado fora da Bahia, intitulado "Músculo acrônio-clavicular", publicado na revista *Brazil-Medico*. Nesse mesmo ano, encontramos as resenhas de seis artigos, uma de cinco revistas alemãs e uma inglesa (Moreira, 1893), assinadas pelas iniciais 'JM', maneira pela qual, alguns anos mais tarde, ele assinaria um editorial (1901) e uma resenha (1902a), ao tornar-se redator e colaborador contumaz. Pelo estilo, pela temática e pelo domínio de línguas estrangeiras, concluímos que foi assim, com resenhas de revistas médicas, que se iniciou sua contribuição na *Gazeta*, contribuição que teve a duração de uma década (1893-1903).

O jovem Juliano tinha menos de quatro anos de formado quando participou da criação da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia (SMCB), em 18 de novembro de 1894. Essa associação teve Pacheco Mendes como presidente e Alfredo Brito como vice. Não encontramos sustentação para a tese de Passos (1975, p.11), segundo quem Juliano teria sido o idealizador dessa sociedade médica. Seu cargo, na verdade, foi discreto, como diretor dos anais e membro da Comissão Seccional de Dermatologia-sifiligráfia (SMCB, 1894). Seis meses depois de criada, precisamente em 6 de abril de 1895, a SMCB assinou com a *Gazeta Medica* um contrato para publicar nessa revista os Anais da entidade (SMCB, 1895).

A convivência com os criadores da *Gazeta*, Silva Lima e Pacífico Pereira, e os intelectuais da Faculdade de Medicina da Bahia, como Nina Rodrigues, Alfredo Brito e Pacheco Mendes, possibilitou a regularidade da colaboração de Juliano Moreira com artigos e discussão de casos clínicos registrados nas sessões da associação médica que ajudara a fundar. Essa experiência associativa, em especial por ser articulada com uma publicação especializada,

parece-nos que serviu de inspiração para Juliano Moreira, pois no Rio de Janeiro, com seu espírito gregário, ele liderou a criação de algumas sociedades científicas, participou de muitas outras, algumas das quais não médicas, e ainda criou várias publicações científicas que tiveram sempre um sentido aglutinador, mesmo quando não eram órgão oficial de alguma entidade.

Analisando a participação do autor na *Gazeta Medica*, em seu conjunto (Anexo 1 e Quadro 2), nota-se que em 1895 Juliano Moreira tornou-se seu colaborador assíduo, com publicação de uma dezena de artigos, tendo a sífilis como tema principal. Entretanto as pesquisas de Juliano Moreira que tiveram maior destaque no período não foram sobre sua temática principal, a sífilis, mas sobre uma outra doença ‘de países de clima quente’, com manifestações cutâneas, o botão de Biskra, botão endêmico ou, numa linguagem mais atual, a leishmaniose tegumentar americana ou cutâneo-mucosa. Esses estudos se inscrevem numa fecunda e original tradição da *Gazeta Medica*, a dos estudos científicos com preocupação nacional sobre as doenças ditas tropicais, principalmente infecciosas e parasitárias, como fez Wucherer com seus trabalhos sobre a ancilostomíase e a filariose, e Silva Lima sobre o beribéri e o ainhum, já mencionados.

Quadro 2: Juliano Moreira como colaborador, redator e redator principal na *Gazeta Medica da Bahia* (1893-1915)

Período	Colaborador		Redator		
	Efetivo	Nominal	Principal	Efetivo	Nominal
1893-1915	Jul.893- jun.1903	Jul.1896- jun.1915	Jul.1901- jun.1902	Jul.1896- jun.1902	Jun.1896- jun.1906

A descoberta da leishmaniose no Brasil

Na sessão de 30 de dezembro de 1894 da SCMB, o jovem dermatologista apresentou o trabalho “Existe na Bahia o botão de Biskra?: estudo clínico”, publicado na *Gazeta Medica da Bahia* em fevereiro de 1895 (Moreira, 1895a, p.254-258), em que Moreira fazia uma minuciosa descrição das formas clínicas, com base em numerosos casos clínicos, e afirmava, pela primeira vez, a existência na Bahia e no Brasil do botão de Biskra, também chamado botão ou úlcera do Oriente ou botão endêmico dos países quentes (Moreira, 1895b). Suas observações refutavam qualquer especificidade etária, de gênero ou racial da doença: “Tenho observado o botão em todas as idades, tanto em homens como na mulher. Nenhuma constituição como nenhuma raça (das que habitam este estado) está ao abrigo do Botão do Oriente” (Moreira, 1895a, p.255).

Moreira distinguiu o botão endêmico de lesões cutâneas da sífilis, pois a maioria dos casos que recebera tinha obtido dos médicos o diagnóstico de bobas (*bouba brasiliiana*). Para ele, contudo, “uma boa porção dos casos” entrava no quadro do botão de Biskra (Moreira, 1895a, p.257-258). Era, muito provavelmente, a primeira descrição de casos clínicos

de leishmaniose tegumentar americana (LTA) ou cutâneo-mucosa, numa publicação científica brasileira.²

Sobre as causas da enfermidade, o autor dizia que a patologia aparece tanto primitiva como secundariamente (escoriações, outras afecções cutâneas tipo sarna etc.). Outro destaque é que ele não ignorou, nas falas dos pacientes sobre sua doença, a possível presença de um inseto no complexo causal: “A picada de um inseto, o muruim, tem sido muitas vezes atribuído por alguns doentes como o inicio da affecção” (Moreira, 1895a, p.255). Por fim, informava ter empreendido uma série de ensaios de inoculação e estudos anatomo-patológicos, mas que estes estavam ainda muito incompletos, e comprometia-se a apresentá-los quando fossem finalizados (p.257).

Vale ressaltar que o agente etiológico dessa doença, um protozoário, foi identificado em 1893 pelo cirurgião militar russo P.F. Borovsky, mas o achado teve uma circulação restrita, provavelmente por ter sido publicado apenas em russo. Somente em 1903 o agente etiológico foi considerado descoberto, quando James Homer Wright, de Baltimore (EUA), observou formas de protozoários em úlcera cutânea de uma criança da Armênia com o botão do Oriente e lhe deu o nome de *Welcozona tropicum*, depois alterado para *Leishmania tropica* (Cox, 2002, p.605). Quanto ao agente da forma visceral, só em maio do mesmo ano o inglês William Leishman fez uma biópsia de fígado de um soldado com *Kala-azar* na Índia e, em julho, Donovan encontrou o agente etiológico do calazar. Ross deu o nome *Leishmania* ao gênero, e depois foi dado o nome de *L. donovani* ao agente da leishmaniose visceral (Altamirano-Enciso et al., set.-dez. 2003). Em 1911 Gaspar Vianna denominou o agente da úlcera de Bauru, a leishmaniose tegumentar americana, de *Leishmania brasiliensis*. Só em 1921 foi estabelecido o papel do flebotomo como o inseto vetor na transmissão (Cox, 2002, p.606).

De colaborador a redator principal da *Gazeta*

Em 1896 Juliano Moreira fez o concurso para lente substituto da 12^a seção – cadeira de moléstias nervosas e mentais –, com a tese sobre as ‘discinesias arsenicais’ e foi aprovado em primeiro lugar, com nota máxima. Não por acaso, nesse momento ele passou a figurar entre os redatores da *Gazeta Medica*, tendo Braz Amaral como redator-gerente³ e Silva Lima como redator principal (Quadro 1). Este último, como já referido, foi um dos modelos intelectuais para Juliano Moreira.

Vale notar que, como colaborador, houve duas interrupções de sua participação na *Gazeta*, antes de sua transferência definitiva para o Rio de Janeiro: a primeira, de fevereiro de 1896 a novembro de 1898; a segunda, de outubro de 1899 até dezembro de 1900, quando ele novamente viajou à Europa, participando de vários congressos médicos dos dois campos que ainda dividiam sua atenção, a dermatologia (e sifiligráfia) e a neuropsiquiatria.

Em meados de 1901 Juliano Moreira assumiu a função de redator principal, como atestam o fato de seu nome figurar no topo da lista dos redatores, ocupando o lugar que já fora de seu mestre, Silva Lima, o desaparecimento da figura do redator-gerente (Figuras 2, 3, 4) e, sobretudo, o texto que assinou abrindo o volume 33 (Moreira, 1901, p.1-3), no qual apresentava as modificações que pretendia introduzir na revista, o que efetivamente realizou nesse volume, de julho de 1901 até junho de 1902. A seção de artigos originais

passava a primeiro plano, em especial as contribuições para a “verdadeira nosologia brasileira” (p.2), como fizeram os fundadores. Seguia-lhe a seção de “revistas gerais”, com estudos de “nosologias extratropicais”; resenhas nacionais e estrangeiras. Por fim, uma seção para “questões de ensino, higiene e medicina pública”.

A expressão de sua liderança pode ser constatada também na multiplicidade de sua colaboração nesse volume (ver Anexo 1, do item 25 ao 32). Ele escreveu muitas vezes o artigo inicial, as resenhas e os necrólitos, assumindo um papel semelhante ao de Silva Lima quando figurava no topo da lista dos colaboradores, nos volumes precedentes da revista.

O nome de Juliano Moreira esteve no topo da lista de redatores da *Gazeta Medica* até junho de 1906, quando Gonçalo Muniz assumiu o papel de redator principal, que já exercia de fato desde a transferência do médico para o Rio de Janeiro, em 1903. Muito provavelmente como uma homenagem de contemporâneos e ex-alunos, seu nome foi mantido entre os colaboradores da revista até o volume de 1914-1915 (Quadro 2), embora sua última contribuição para a *Gazeta* tenha sido um relato de congresso, publicado em julho de 1903.

Da necessidade de fundação de laboratórios nos hospitais do país

Um trabalho desse período final de colaboração de Juliano Moreira na *Gazeta Medica da Bahia* merece destaque por sua importância na história da medicina baiana e brasileira. Em abril de 1902 ele publicou um artigo em que defendia a necessidade da criação de laboratórios nos hospitais do país (Moreira, 1902c, p.439-450). Hoje tão óbvio, naquele momento foi uma manifestação lúcida de quem, conhecendo a prática médica e sanitária nos grandes centros da Europa, em especial a Alemanha, trazia uma proposta inovadora e inadiável para os serviços de saúde no Brasil, sobretudo àqueles vinculados ao ensino.

Diante dos avanços da medicina científica no último quartil do século XIX, em particular na última década, era inadiável a criação de um serviço de anatomia patológica, articulado a um laboratório bacteriológico, e outro de bioquímica (“clínica bioquímica”) nos hospitais brasileiros, prioritariamente àqueles que eram campo de prática do ensino médico, destacando-se os da Santa Casa de Misericórdia na Bahia e no Rio de Janeiro. Moreira (1902c, p.447-449) descrevia como seria cada um desses serviços: localização, pessoal, equipamentos etc. Enumerava resultados de estudos que utilizaram dados de necropsias e pesquisas no campo das patologias do metabolismo e da bacteriologia clínica com o uso do microscópio, guia seguro da diferenciação etiológica da doença (p.443), fundamental para orientar a terapêutica. Lamentava que muitos desses estudos não tivessem sido realizados no país, e indagava sobre a aplicação “ao nosso meio” dos resultados obtidos fora: “Quem sabe? *A priori* é temerário concluir” (p.443).

Juliano Moreira (1902c) afirmava que percorrera o país de norte a sul e só encontrara um único hospital com laboratório, em São Paulo (p.444). Afirmava que todos os hospitais, mesmo os não vinculados às faculdades de medicina, deveriam estar equipados para cooperar no desenvolvimento da ciência médica, e que os médicos deviam ser treinados e dispor de material necessário para efetuar investigações científicas (p.444). Já o ensino sem a pesquisa clínica, com os velhos métodos, seria um crime de lesa-ciência. Destaque-se uma frase pela lucidez e pelo estilo: “Realmente digno do nome de mestre só é aquelle que se torna

authoridade por ter sabido arremetter contra o desconhecido e ter quebrado lanças na conquista da verdade" (p.445). Para os avanços em sua terra – "do alto das páginas da velha *Gazeta Medica*" –, cobrava da Santa Casa e da direção da Faculdade de Medicina medidas concretas. Lamentava, entretanto, que os estudantes, "que tanto alardeiam a solidariedade de seus membros", não se tenham unido para exigir um ensino em bases científicas (p.446).

Sua proposta tinha por base suas visitas aos hospitais dos vários países onde esteve. Em tom irônico, observava que não fora ver apenas as externalidades, mas sim os elementos úteis de que dispunham médicos e doentes (Moreira, 1902c, p.446). Concluía que uma instituição hospitalar só cumpriria sua função social se nela fossem instaladas as "maquinas do trabalho científico", os médicos fossem aptos e responsáveis no trabalho cotidiano e a administração, idônea e competente. Por fim, nessa conferência para a SMCB, depois publicada na revista, voltou a falar como seu porta-voz: "A *Gazeta Medica* espera das Faculdades de Medicina do Paiz e das Casas de Misericórdia do Rio e da Bahia a reforma dos estudos clínicos, nos centros officiaes de ensino" (p.449). Isso resultaria em processo de instalação de laboratórios nos hospitais de todo o território nacional (p.449-450).

Uma década depois, Juliano Moreira (1913, p.46-47) relembraria esse artigo ao comentar que os laboratórios haviam surgido em todo o país, até mesmo em centros de pesquisas autônomos como o Instituto de Patologia Experimental, em Manguinhos. Após a morte de seu mestre, Peixoto (1933) comentou que essa conferência, publicada na *Gazeta Medica da Bahia* e transcrita em várias outras publicações científicas, resultou na criação de vários serviços em hospitais do país. A Faculdade de Medicina da Bahia, por exemplo, chegou a criar seu Instituto de Clínicas, um conjunto de laboratórios que dava apoio diagnóstico aos diversos serviços (p.83). Outro exemplo da influência de Juliano Moreira e desse artigo em particular: o professor Aristides Novis, diretor do Hospício São João de Deus, depois renomeado Hospital Juliano Moreira, utilizou como referência essa conferência e o respectivo artigo para reivindicar e obter, junto ao governo estadual, a criação do laboratório de análises clínicas do referido manicômio (Jacobina, 2001).

A referência ao hospital psiquiátrico que recebeu seu nome como uma homenagem dos baianos leva-nos a uma constatação. Nas páginas da *Gazeta Medica*, foi pequena a sua colaboração no campo específico da psiquiatria, área que o consagrou. Ela foi pequena, mas existiu. Destaque-se seu relato sobre os avanços obtidos por Franco da Rocha no Asilo-colônia em Juqueri, São Paulo (Moreira, 1902b). Nesse artigo, apesar de elogiar a idéia de um asilo-colônia, Juliano formulou um pensamento muito atual na área da saúde mental: "Mau grado minha pouca synpathia pelos systemas de construcção de asylos em pavilhões tão grandes e para muitos doentes, assim como por aquelles em que os pavilhões são iguaes, por isso dahi resulta uma certa monotonia" (p.406).

GAZETA MEDICA DA BAHIA

PUBLICADA

Sob a direcção do

Dr. A. PACIFICO PEREIRA, lente de histologia da Faculdade de Medicina da Bahia

Com a collaboração dos Srs.

Dr. J. F. DA SILVA LIMA, medico efectivo do Hospital de Caridade

Dr. J. L. D'ALMEIDA COUTO lente de clínica médica da Faculdade da Bahia

Dr. M. VICTORINO PEREIRA, lente de clínica cirúrgica da Faculdade de Medicina da Bahia

Dr. PEDRO S. MAGALHÃES, lente de patologia cirúrgica da Faculdade de Medicina do R. de Janeiro

Dr. RAMIRO A. MONTEIRO, lente de clínica médica da Faculdade da Bahia

Dr. A. PACHECO MENDES, lente de clínica cirúrgica da Faculdade da Bahia

* Dr. J. REMEDIOS MONTEIRO, membro da Academia Nacional de Medicina

Dr. M. M. PIRES CALDAS, cirurgião efectivo do Hospital de Caridade

Redactor-Gerente

Dr. BRAZ DO AMARAL, lente substituto da Faculdade da Bahia

Preço da Assignatura

PAGAMENTO ADIANTADO

PARA A CAPITAL	FÓRA DA CAPITAL E DO ESTADO
Por um anno. 10\$000	Por um anno. 12\$000
Por seis meses. 5\$000	Por seis meses. 6\$000

Fasciculo avulso. 1\$000

Os estudantes de medicina pagarão somente 8\$000 por anno ou 4 por semestre.

Os assignantes de fóra da capital e do Estado podem remetter a importância de suas assignaturas pelo correio, em cartas registradas ou em vale postal, ao redator-gerente Dr. Braz do Amaral.

Unico agente da *Gazeta Medica da Bahia* para a França o Sr. H. MAHLER 23, rua Richer, Paris.

BAHIA

Litho-Typo. e Enc. V. Oliveira & Companhia
N. 13 PRAÇA DO COMMERCIO N. 13

1895

1616

Figura 2: Silva Lima como redator principal, 1895



Figura 3: Silva Lima como primeiro nome na equipe de redatores e Juliano Moreira como um dos redatores, 1897

Gazeta Médica da Bahia
(FUNDADA EM 1866)

DIRECTOR
Dr. A. Pacifico Pereira — professor da Faculdade de Medicina da Bahia

REDACÇÃO
Dr. Julian Moreira — Dr. Gonçalo Moniz — Dr. Afranio Peixoto — Dr. Alfredo de Andrade — Dr. J. Americo Fróes — Dr. J. Adeodato de Souza

COM A COLLABORAÇÃO DOS SRS. DR'S.

J. P. da Silva Lima	Ramiro Monteiro	P. Severiano de Magalhães
A. Pacheco Mendes	Franco da Rocha	Nina Rodrigues
Braz do Amaral	M. Víctorino Pereira	Aurelio Viana
Guilherme Rebello	Alfredo Britto	Arnaldo Marques
Guilherme Studart	Alfredo Magalhães	Coriolano Burgos
Pinto de Carvalho	Britto Pereira	Trajano dos Reis
Almir Nina	Luis Gualberto	Eraúlo Pereira

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

PAGAMENTO ADIANTADO

PARA A CAPITAL	FORA DA CAPITAL DO ESTADO
Por um anno	10\$000
Por seis meses	6\$000
Fascículo avulso	1\$000
Por um anno	12\$000
Por seis meses	6\$000

Os estudantes de medicina pagarão somente 8\$000 por anno ou 4\$000 por semestre.

Os assignantes de fora da capital e do Estado podem remetter a importação de suas assignaturas pelo correio, em cartas registradas ou em vial postal, ao redactor Dr. Julian Moreira.

Único agente da *Gazeta Médica da Bahia* para a França —
Société Fernrière des Annuaires, rue Lafayette, 52, Paris.

VOL. XXXIV
1902 a 1903

— — — — —

BAHIA

LITHO-TYPO. E ENCAD. V. OLIVEIRA & C.
3 — Praça do Ouro — 3

1902

1616

Figura 4: Julian Moreira como primeiro nome na equipe de redação, 1902

Considerações finais

Uma visão panorâmica da obra de Juliano Moreira, com base nos diversos trabalhos que publicou na *Gazeta Medica da Bahia* (Anexo 1 e Quadro 3), permite-nos constatar que ele não teve um ‘destino lógico’ como psiquiatra, especialidade que o tornou nacional e até internacionalmente conhecido. Era um intelectual versátil, criativo e múltiplo. Para além de sua atuação na imprensa médica, vejamos as múltiplas faces de Juliano Moreira, reveladas em sua obra publicada na *Gazeta*:

– A do médico tropicalista que descreve sua luta contra a malária no interior da Bahia e, mais tarde, faz uma revisão crítica do papel dos mosquitos na transmissão dessa patologia; suas revisões críticas também sobre o beribéri e a doença do sono; e, principalmente, seus trabalhos sobre o botão endêmico, tanto de geografia médica quanto os estudos clínicos originais, quando descreveu pela primeira vez a leishmaniose cutâneo-mucosa no Brasil, tema este que faz uma ponte para outra face do autor;

– A do dermatologista e sifilógrafo que estudou uma urticária de origem medicamentosa, depois a farcionose, uma zoonose com manifestações cutâneas, e, sobretudo, a sífilis sob os mais diversos aspectos, como faringismo tabético, tifose, pneumonias sifilíticas, a relação com o saturnismo e com a senilidade;

– A do neurologista e psiquiatra estudioso da epilepsia, das mioclonias em pessoas histéricas e não histéricas; o psiquiatra aparece também num outro campo de estudo, o da assistência aos alienados;

– A do sanitarista, não só como higienista, ao combater e registrar sua luta contra a epidemia da malária, mas também como estudioso e formulador em planejamento e administração de saúde, atestado por sua participação na proposta de reforma para o Asilo São João de Deus, sua análise sobre o asilo-colônia em Juqueri (São Paulo) e, em especial, sua defesa pela criação de serviços de anatomo-patologia e de laboratórios nos hospitais do país;

– A face do historiador da medicina e das ciências em geral, analisando as contribuições de cientistas brasileiros como Francisco de Castro, Oscar Bulhões e Alfredo Kanthack e estrangeiros como Pasteur, Virchow, Von Ziemssem, Kaposi, Ludwig, Thiersch, Vogt e Bento de Souza, bem como sintetizando e divulgando os trabalhos mais relevantes apresentados nos congressos nacionais e internacionais da época.

Seu conhecimento e criatividade abrangentes mereceram um comentário de seu discípulo mais próximo e fiel, Afrânio Peixoto (1933, p.82): “Haverá nelle assumpto para se louvar ao medico, ao tropicalista, ao dermatologo, ao syphilographo, ao alienista, ao psychologo, ao naturalista, ao historiador da medicina”. O naturalista e o psicólogo iriam desenvolver-se depois da sua transferência para o Rio de Janeiro, em 1903, mas eram interesses já despertados em sua atuação na terra natal. As outras faces identificadas por Peixoto já estavam atestadas nas páginas da *Gazeta*, inclusive uma que lhe passou despercebida, a do sanitarista (ou higienista, para usar o termo da época).

Quadro 3: Artigos e outras publicações de Juliano Moreira na *Gazeta Médica da Bahia* (jul.1893-jun.1904)

Ano (GMB)	Imprensa médica		Artigos						
	Resenha*	Editorial	Dermatologia	Medicina tropical**	Neuro-psiquiatria	Medicina social	História	Ensino médico	Relato d congres:
	Sifilis	Outras	Assist.psiq.	Assist.med.	medicina***	medicina			
Jul.1893-jun.1894	1			1					
Jul.1894-jun.1895		3	1	2					1
Jul.1895-Jun.1896		2	1				1		1
Jul.1896-Jun.1897									
Jul.1897-Jun.1898					2	1			
Jul.1898-jun.1899				1					
Jul.1899-jun.1900									
Jul.1900-jun.1901									
Jul.1901-jun.1902	3	1		1	1	1	1	4	1
Jul.1902-jun.1903									
Jul.1903-jun.1904								1	
Total	4	1	6	2	6	2	2	9	1
									4

* Resenha de artigos e livros estrangeiros e nacionais.

** Medicina tropical: artigos sobre malária, beribéri, botão endêmico (leishmaniose) e doença do sono.

*** História da medicina: biografias de médicos e cientistas estrangeiros e nacionais.

NOTAS

* Este artigo integra pesquisa realizada com o apoio do Programa Primeiros Projetos (PPP) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb).

¹ Em seu artigo sobre Silva Lima, Juliano Moreira (1918, p.1), antes de citar os objetivos da *Gazeta Medica*, diz claramente: "Silva Lima, no seu artigo introdutorio da revista...". Era o testemunho de um discípulo e amigo.

² Altamirano-Enciso et al. (set.-dez. 2003, p.863) afirmaram, equivocadamente, que "os professores Juliano Moreira e Antônio Austregésilo, da Escola Tropicalista Baiana, fizeram uma minuciosa descrição clínica da LTA, embora seguindo erroneamente a proposta de Breda e Sommer como *bouba brasiliiana* (Moreira, 1895)" (grifo nosso). O erro era dos médicos baianos da época e não de Moreira, que fez corretamente o diagnóstico diferencial, o que possibilitou a sua importante descoberta. Ainda sobre esse artigo de Juliano Moreira (1895a), é preciso esclarecer que não há co-autoria com Antônio Austregésilo. Ambos têm um estudo sobre o ainhum, publicado em 1908 no *Brazil-Medico* (Moreira, Austregésilo, 1908).

³ O cargo de redator-gerente desapareceu em 1901, reaparecendo somente em 1915, com Aristides Novis. Em 1922, com a morte de Antônio Pacífico Pereira, o professor Novis assumiu o cargo de diretor da *Gazeta*.

REFERÊNCIAS

- ALTAMIRANO-ENCISO, Alfredo J. et al. Sobre a origem e dispersão das leishmanioses cutânea e mucosa com base em fontes históricas pré e pós-colombianas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.10, n.3, p.853-882. set.-dez. 2003.
- BASTIANELLI, Luciana (Comp.). *Gazeta Medica da Bahia, 1866-1934/1966-1976, por uma Associação de Facultativos, compilação e pesquisa*. Salvador: Contexto. 2002.
- CARVALHAL, Lázara A. *Loucura e sociedade: o pensamento de Juliano Moreira (1903-1930)*. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1997.
- CONI, Antonio C. *Escola Tropicalista Bahiana*. Salvador: Livraria Progresso. 1952.
- COX, Frank E.G. History of human parasitology. *Clinical Microbiology Reviews*, Washington, v.15, n.4, p.595-612. 2002.
- DALGALARRONDO, Paulo. *Civilização e loucura: uma introdução à história da etnopsiquiatria*. São Paulo: Lemos.1996.
- FONSECA, Luis Anselmo. Dr. Pacífico Pereira. *Gazeta Medica da Bahia*, Salvador, v.30, p.251-260. 1898.
- INTRODUÇÃO. *Gazeta Medica da Bahia*, Salvador, v.1, p.1-2. 1866 .
- JACOBINA, Ronaldo R. *A prática psiquiátrica na Bahia (1874-1947)*. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 2001.
- MOREIRA, Juliano. Silva e Lima e a *Gazeta Medica da Bahia* (1866-1916). *Bahia Ilustrada*, Salvador, v.2, p.1-3. 1918.
- MOREIRA, Juliano. Conferência: O progresso das ciências no Brasil. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v.35, p.32-47. 1913.
- MOREIRA, Juliano. A imprensa médica nacional. *Gazeta Medica da Bahia*, Salvador, v.33, p.342. 1902a.
- MOREIRA, Juliano. O asilo-colônia de Alienados em Juqueri (S. Paulo). *Gazeta Medica da Bahia*, Salvador, v.33, p.399-407. 1902b.
- MOREIRA, Juliano. Da necessidade da fundação de laboratórios nos hospitais. *Gazeta Medica da Bahia*, Salvador, v.33, p.439-450. 1902c.
- MOREIRA, Juliano. O trigésimo quinto aniversário da Gazeta. *Gazeta Medica da Bahia*, Salvador, v.33, p.1-3. 1901.
- MOREIRA, Juliano. Existe na Bahia o botão de Biskra?: estudo clínico. *Anais da Sociedade de Medicina da Bahia*, sessão de 30 dez. 1894. *Gazeta Medica da Bahia*, Salvador, v.26, p.254-258. 1895a.
- MOREIRA, Juliano. Distribuição geográfica do botão endêmico dos países quentes. *Anais da Sociedade de Medicina*

- da Bahia. Artigo, abr. 1895. *Gazeta Medica da Bahia*, Salvador, v.26, p.369-374. 1895b.
- MOREIRA, Juliano.
Endemo-epidemia da Jacobina (1891-1892).
Gazeta Medica da Bahia, Salvador, v.25, p.508-512; v.26, p.25-30, 61-63, 159-158. 1894.
- MOREIRA, Juliano.
Revista da imprensa médica. *Gazeta Medica da Bahia*, Salvador, v.25, p.174-178. 1893.
- MOREIRA, Juliano.
Etiologia da sífilis maligna precoce. Tese inaugural de doutoramento – Faculdade de Medicina da Bahia (Fameb), Salvador. 1891.
- MOREIRA, Juliano; AUSTREGÉSILLO, Antônio.
Contribuição ao estudo do ainhum.
Brazil-Medico, Rio de Janeiro, v.22, n.17, p.161-15; n.18, p.171-174. 1908.
- NOTÍCIÁRIO
Faculdade de Medicina da Bahia. *Gazeta Medica da Bahia*, Salvador, v.26, p.142. 1894.
- ODA, Ana Maria G.R.
A teoria da degenerescência na fundação da psiquiatria brasileira: contraposição entre Raimundo Nina Rodrigues e Juliano Moreira.
Psychiatry on Line Brazil, n.6, p.1-14. Disponível em: www.polbr.med.br/arquivo/wal1201.htm. Acesso em: 2 out. 2005. dez. 2001.
- ODA, Ana Maria G.R.; DALGALARRONDO, Paulo.
Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v.22, n.4, p.178-179, dez. 2000.
- PACÍFICO PEREIRA, Antônio.
Esboço histórico da fundação da *Gazeta Medica da Bahia*. *Gazeta Medica da Bahia*, Salvador, v.48, p.3-30. 1916.
- PASSOS, Alexandre.
Juliano Moreira (vida e obra). Rio de Janeiro: Livraria São José. 1975.
- PEIXOTO, Afrânio.
Discurso. À Memória de Juliano Moreira, fundador e presidente da Academia. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, Rio de Janeiro, v.5, p.81-91. 1933.
- PORTOCARRERO, Vera.
Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz. 2002.
- Prof. Juliano Moreira.
Gazeta Medica da Bahia, Salvador, v.63, p.815-819. 1933.
- ROCHA, Ruth M.; PINTO, Diana; VIEIRA, Sarita.
Juliano Moreira: o aprisionamento da loucura no discurso científico. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v.47, p.449-455. 1998.
- SANT'ANNA, Eurydice P.; TEIXEIRA, Rodolfo.
Gazeta Medica da Bahia: índice cumulativo, 1866-1976. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA. 1984.
- SILVA LIMA, José F.
Estudo sobre o 'ainhum', moléstia ainda não descrita, peculiar à raça etiópica e afetando os dedos mínimos dos pés. *Gazeta Medica da Bahia*, Salvador, v.1, p.146-151. 1867.
- SILVA LIMA, José F.
Contribuição para a história de uma moléstia que reina atualmente na Bahia sob a forma epidêmica e caracterizada por paralisia, edema e fraqueza geral. *Gazeta Medica da Bahia*, Salvador, v.1, p.110-113. 1866.
- SMCB.
SMCB – Sociedade de Medicina e Cirurgia. *Gazeta Medica da Bahia*, Salvador, v.26, n.10, p.346. 1895.
- SMCB.
SMCB – Sociedade de Medicina e Cirurgia. *Gazeta Medica da Bahia*, Salvador, v.26, n.4, p.186. 1894.
- TAVARES-NETO, José.
Apresentação. *Gazeta Medica da Bahia*, Salvador, v.74, p.1. 2004.
- TEIXEIRA, Rodolfo.
Apresentação. In: Bastianelli, Luciana (Comp.). *Gazeta Medica da Bahia, 1866-1934/1966-1976, por uma Associação de Facultativos, compilação e pesquisa*. Salvador: Contexto. 2002.
- VARELA, Alex; VELOSO, Verônica P.
Escola Tropicalista Baiana. In: *Dicionário histórico-biográfico das ciências da saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: www.coc.fiocruz.br/observatoriohistoria/verbetes/esctroba.pdf. Acesso em: 2 out. 2005. s.d.
- VASCONCELLOS, Maria de Fátima.
Mestre Juliano: o fundador da psiquiatria no Brasil. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria) – Instituto de Psiquiatria, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1998.
- VENÂNCIO, Ana Teresa.
Doença mental, raça e sexualidade nas teorias psiquiátricas de Juliano Moreira. *Physis*, Rio de Janeiro, v.14, n.2, jul.-dez. 2004.
- WUCHERER, Otto E.H.
Sobre a hematúria no Brasil. *Gazeta Medica da*

Bahia, Salvador, v.4, p.39-40, 49-50, 61-62, 73-74, 85-86. 1869.

WUCHERER, Otto E.H.

Notícia preliminar sobre vermes de uma espécie ainda não descrita, encontrados na urina de doentes de hematúria intertropical no Brasil. *Gazeta Medica da Bahia*, Salvador, v.3, p.97-99. 1868.

WUCHERER, Otto E.H.

Sobre o modo de conhecer as cobras venenosas do Brasil. *Gazeta Medica da Bahia*, Salvador, v.1, p.193-196. 1867.

WUCHERER, Otto E.H.

Sobre a moléstia vulgarmente denominada opilação ou cansaço. *Gazeta Medica da Bahia*, Salvador, v.1, p.27-9, 39-41, 52-54, 63-64. 1866.



Anexo 1: Obra de Julian Moreira na *Gazeta Medica da Bahia*

1893

- 1 Revista da imprensa médica, v.24, n.4, out. 1893, p.174-178.
JM faz a resenha de seis artigos publicados em revistas médicas alemãs (cinco) e inglesa (um), tais como: "O sangue na syphilis", "Cholera morbus", "Neurastenia por coito incompleto" e "Oclusão dos ureteres".

1894

- 2 Endemo-epidemia da Jacobina (1891-1892), v.25, n.11, maio 1894, p.508-512; v.26, n.1, jul.1894, p.25-30; n.2, ago.1894, p.61-63; n.6, dez. 1894, p.159-168.
- 3 Pharyngismo tabetico (nevro-pathologia), v.26, n.5, p.203-212, nov.1894.

1895

- 4 Saturnismo e syphilis (Anais da Sociedade de Medicina da Bahia, sessão de 18/12/1894), v.26, n.8, fev.1895, p.249-254.
- 5 Existe na Bahia o Botão de Biskra? Estudo clínico (Anais da Sociedade de Medicina da Bahia, sessão de 30/12/1894), v.26, n.8, fev.1895, p.254-258.
- 6 Um caso de pneumonia syphilitica pelo dr. Gonçalves de Figueiredo: discussão (Anais da Sociedade de Medicina da Bahia, sessão de 30/12/1894), v.26, n.8, fev.1895, p.264-265.
- 7 Distribuição geographica do botão endémico dos paízes quentes (Anais da Sociedade de Medicina da Bahia. Artigo, abr. 1895), v.26, n.10, abr. 1895, p.369-74.
- 8 Caso de urticária consecutiva ao emprego de santonina pelo dr. Gonçalves de Figueiredo: discussão (Anais da Sociedade de Medicina da Bahia, Sessão de 05/05/1895), v.26, n.11, maio.1895, p.403-407.
- 9 Karl Ludwig, Karl Thiersch e Karl Vogt (Anais da Sociedade de Medicina e Cirurgia, n.5, jun. 1895), v.26, n.12, jun.1895, p.435-442.
- 10 Assistência dos alienados na Bahia: relatório (Viana, Aurélio, Tillement Fontes, João e Moreira, Juliano) (Anais da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia, sessão de 19/05/ 1895), v.27, n.1, jul.1895, p.14-40.
- 11 A syphilis no periodo de involução senil (Anais da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia, sessão de 16/06/1895), v.27, n.2, ago. 1895, p.82-94; v.27, n.3, set. 1895, p.123-127.
- 12 Pasteur (Anais da Sociedade de Medicina da Bahia, sessão de 6/10/1895), v.27, n.4, out. 1895 p.159-174.
- 13 Farcionose chronica, terminada por mormo agudo (Anais da Sociedade de Medicina da Bahia, sessão de 04/08/1895), v.27, n.6, dez. 1895, p.286-289.

1896

- 14 Caso de tyfose siphilitica: cura por injeções de calomelanos, cephaleia tardia (Anais da Sociedade de Medicina da Bahia, sessão de 22/07/1895), v.27, n.7, jan.1896, p.323-325.

1898

- 15 A alimentação pelo arroz e o beriberi perante a observação dos medicos hollandezes, v.30, n.6, dez.1898, p.241-250.
- 16 Alfredo Antunes Kanthack (professor de patologia na Universidade de Cambridge): traços biographicos, v.30, n.6, dez. 1898, p.277-280.

- 17 Dr. Oscar Bulhões (prof. da Faculdade do Rio de Janeiro), v.30, n.6, dez. 1898, p.280-281.

1899

- 18 Os mosquitos e a malária (revista crítica), v.30, n.7, jan.1899, p.291-300.
- 19 O methodo de Flechsig e a hyperexcitabilidade cortical nos epilepticos, v.30, n.8, fev.1899, p.339-345.
- 20 O professor Manoel Bento de Souza (de Lisboa): traços biographicos, v.30, n.12, jun.1899, p.574-577.
- 21 A syphilis como factor de degeneração (syphilographia), v.31, n.3, set. 1899, p.112-125.

1901

- 22 O XIII Congresso Internacional de Medicina e Cirurgia reunido em Paris, v.32, n.7, jan.1901, p.320-329.
- 23 O IV Congresso Internacional de Dermatologia e Siphiligraphia (noticia succinta), v.32, n.8, jan.1901, p.343-350.
- 24 As secções de psychiatria e neurologia do XIII Congresso de Medicina de Paris, v.32, n.10, abr. 1901, p.475-486.
- 25 O trigésimo quinto aniversario da Gazeta, v.33, n.1, jul.1901, p.1-3.
- 26 O lugar das mioklonias em neuropathologia, v.33, n.1, jul.1901, p.22-34; v.33, n.3, set.1901, p.101-112; v.33, n.7, jan. 1902, p.309-316.
- 27 Rudolf Virchow (traços geraes de sua vida), v.33, n.4, out. 1901, p.149-167.
- 28 O professor Francisco de Castro, v.33, n.5, nov.1901, p.201-205.
- 29 Revista da imprensa médica, v.33, n.6, dez.1901, p.286-288.
Resenha dos trabalhos de Möller ("Embolias pulmonares nas injeções de preparado mercuriaes insolúveis") e de Scanman ("Há qualquer relação genética entre a appendicite e as neuroses geraes").

1902

- 30 Os recentes trabalhos portuguezes sobre a molestia do sono, v.33, n.7, jan. 1902, p.317-325.
- 31 Bibliographia: 'Traité des affections véneriennes' – Edmund Lesser, v.33, n.7, jan. 1902, p.331-332.
- 32 A imprensa médica nacional, v.33, n.7, jan. 1902, p.340-342.
- 33 Prof. Von Ziemssem: necrologia, v.33, n.8, fev.1902, p.377-379.
- 34 O asylo-colônia de alienados em Juquery (S. Paulo), v.33, n.9, mar. 1902, p.399-407.
- 35 A reforma dos estudos médicos na Allemania, v.33, n.9, mar. 1902, p.434-438; n.10, abr.1902, p.485-486; n.11, maio 1902, p.526-528; n.12, jun.1902.
- 36 Da necessidade da fundação de laboratorios nos hospitaes, v.33, n.10, abr. 1902, p.439-450.
- 37 Professor Moriz Kaposi: necrologia, v.33, n.10, abr. 1902, p.481- 484.

1903

- 38 5º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, v.35, n.1, jul. 1903, p.9-12.

